

para igualarem com a terra: A fim de que Israel ande com diligência para honra de Deus.

8 Assim os bosques, como tôdas as árvores de suave fragrância fizeram uma sombra agradável a Israel por ordem de Deus.

9 Porque trará Deus a Israel com júbilo na luz da sua majestade, com a misericórdia, e justiça que dêle vem.

CAPÍTULO 6

CARTA DE JEREMIAS AOS JUDEUS CATIVOS, NA QUAL ELE LHES ANUNCIA A SUA TORNADA, E OS EXORTA A FUGIREM DA IDOLATRIA.

Cópia da carta que Jeremias mandou aos cativos, que pelo rei dos babilônios estavam para ser levados a Babilônia, a fim de que lhes anunciasse tudo conforme o que lhe foi por Deus mandado. (1)

1 POR CAUSA dos pecados, que cometestes diante de Deus, vós sereis levados cativos a Babilônia por Nabucodonosor, rei dos babilônios.

2 Nestes têrmos, depois de haverdes entrado em Babilônia, estareis ali muitos anos, e largos tempos, até sete gerações: E depois disto vos tirarei dali em paz. (2)

3 Mas agora vereis em Babilônia, que são levados

(1) **QUE PELO REI DOS BABILÔNIOS** — Depois da tomada e ruína de Jerusalém, quando Nabucodonosor se achava em Reblata da Síria.

(2) **ATÉ SETE GERAÇÕES** — Como o cativo não havia de durar setenta anos, segundo o tinha predito o mesmo Jeremias no cap. 25, vv. 11 e 12, parece que em cada dez anos considera aqui o profeta uma geração. Noutros lugares, tanto da Escritura como dos autores profanos, contém cada geração cem, cinquenta, trinta, dez e até sete anos. Cfr. Glaire, ed. cit.

Baruc 6, 4-14

aos ombros deuses de ouro, e de prata, e de pedra, e de madeira, metendo mêdo às gentes.

4 Vêde pois não suceda que também vos torneis semelhantes no procedimento aos estrangeiros, e que temais. êstes deuses e vos dêixeis possuir do seu temor.

5 Quando virdes pois por detrás, e diante dêles a turba, que os adora, dizei em vossos corações: Tu, Senhor, é que debes ser adorado.

6 Porque o meu anjo está convosco: E eu mesmo terei cuidado das vossas almas.

7 Porque a língua dêles polida pelo escultor, e êles dourados, e prateados são uns falsos' representativos, que não podem falar.

8 E assim como se fazem adornos a uma donzela apaixonada por enfeites: Assim depois de fabricados êles se revestem com o ouro, que recebem.

9 Os deuses dêles têm por certo coroas de ouro sôbre as suas cabeças: Mas os sacerdotes os despojam do ouro, e da prata, e o gastam em seus próprios usos.

10 E ainda dão dêste ouro às prostitutas e enfeitam as meretrizes: E depois de haverem tomado outra vez das meretrizes, adornam com êle os seus deuses.

11 Mas êstes não se livram da ferrugem, nem da traça.

12 E depois de os trajarem de um vestido de púrpura, lhes limpam os rostos, por causa do pó que se levanta no lugar onde estão, que entre êles é muito.

13 Tem também um cetro na mão como homem, à maneira de um juiz de província, mas êle não mata a quem o ofende.

14 Tem também na mão espada, e cutelo, mas não se pode livrar a si mesmo da guerra, nem dos ladrões. Por onde seja-vos êste um manifesto argumento de que não são deuses.

15 Portanto não os temais. Porque assim como uma vasilha, se se quebra, fica inútil ao homem, tais são também os deuses dêles:

16 Postos êles numa casa, os seus olhos se enchem de pó feito levantar pelos pés dos que entram.

17 E assim como a algum que ofendeu ao rei se lhe fecham as portas: Ou como a um morto que foi levado ao sepulcro: Do mesmo modo seguram os sacerdotes as portas com fechaduras, e ferrolhos, para que não sejam despojados pelos ladrões. (3)

18 Acendem-lhes lâmpadas, e na verdade muitas, das quais não podem ver nenhuma: Porque são como as vigas nas casas.

19 E dizem que as serpentes que saem na terra lhes lambem os corações, quando os rôem a êles, e aos seus vestidos, e não no sentem.

20 Negras se tornam as suas caras com o fumo, que se faz na casa.

21 Sôbre o seu corpo, e sôbre a sua cabeça voam os mochos, e as andorinhas, e outras aves ainda do mesmo modo, até as gatas.

22 Daqui sabei que não são deuses: E assim não os temais.

23 Também o ouro que êles têm, é para o adôrno. Sê alguém lhes não limpar a ferrugem, não reluzirão: Pois nem ainda quando os fundiam, o sentiam.

24 A todo o preço são comprados, e não há espírito algum nêles.

25 Sem pés são levados sôbre os ombros, mostrando aos homens a sua vileza. Sejam também confundidos os que os adoram.

(3) **SE LHE FECHAM AS PORTAS** — O grego tem: “Bem como a um homem que matou o rei, se fecham as salas.” — **Pereira.**

Baruc 6, 26-31

26 Por cuja causa se êles caírem em terra, não se levantam por si mesmos: E se algum os puser direitos, não se terão por si mesmos, mas pôr-lhes-ão diante, como mortos, os donativos que lhes oferecerem.

27 Os seus sacerdotes vendem as oferendas dêles, e fazem delas um mau uso: E assim mesmo as mulheres dêles encetando-as, não dão disso coisa alguma nem ao enfêrmo, nem ao mendigo,

28 elas prenhes, e no seu estado de impureza tocam os sacrifícios dêles. Assim que sabendo vós por êstes princípios que não são deuses, não os temais.

29 Pois por que lhes chamam deuses? Porque as mulheres fazem oferendas a deuses de prata, e de ouro. : de madeira :

30 E nas suas casas estão assentados os sacerdotes, endo as túnicas rasgadas, e as cabeças, e a barba rapada e as suas mesmas cabeças descobertas.

31 E rugem, fazendo alaridos diante dos seus deuses como na ceia de um morto. (4)

(4) **CEIA DE UM MORTO** — São conhecidos êstes fúnebres banquetes, preparados nas sepulturas dos povos da mais alta antiguidade, e que chegaram até aos tempos da civilização greco-romana. Providenciavam as famílias para que êstes banquetes prosseguissem, sem interrupção, no decurso dos tempos; da mesma maneira os pósteros procuravam não faltar a êste dever, endereçando oferendas aos seus antepassados, e tendo como importantíssimo dever preparar-lhes o fúnebre repasto. E, coisa notável, o funeralismo, que como amplamente o demonstrou Fustel de Coulanges, *La cité antique*, foi a alma das primitivas instituições e leis greco-romanas, ostenta-se com um modo de ser particular, trazendo do Oriente os mesmos costumes e importando as mesmas tradições. Havia apenas uma diferença, e esta importante, era a ausência formal de coisas lúgubres; “as necrópoles antigas eram passeios deliciosos, marginados de belos jardins, de onde se erguiam ao lado de artísticas sepulturas, elegantes quiosques e maç-

32 Os sacerdotes lhes tiram os seus vestidos, e com êles vestem as suas mulheres, e a seus filhos.

33 Nem, se êles experimentam algum mau tratamento da parte de qualquer, ou algum obséquio, lhe poderão dar o pago: Nem podem pôr um rei, nem tirá-lo.

34 Nem tão pouco podem dar riquezas, nem retribuir o mal. Se algum lhes fizer um voto, e o não cumprir: Nem isto êles requerem.

35 Não livram a um homem da morte, nem defendem ao fraco do mais poderoso.

36 Não restituem a vista a um homem cego, não livrarão ao homem da sua necessidade.

37 Não se compadecerão da viúva, nem farão bem aos órfãos.

38 Os deuses dêles são semelhantes às pedras do monte, sendo feitos de madeira, e de pedra, e de ouro, e de prata: Mas os que os adoram serão confundidos.

39 Como se pode pois ajuizar, ou dizer, que êles são deuses?

40 Porque ainda os mesmos caldeus os desonram: Os quais depois de terem ouvido que um mudo não pode falar, apresentam-no a Bel, pedindo-lhe que lhe dê fala:

41 Como se pudessem sentir os que não têm movimento, ainda êles mesmos, quando se desenganarem, os desampararão: Visto não terem os mesmos deuses dêles sentimento algum.

níficas moradas." Ricardo Jorge, *Higiene social, segunda conferência*. Nos escritores clássicos encontramos os testemunhos frizantes do costume de preparar banquetes nas moradas dos mortos. Era a isto que os latinos chamavam *inferias ferre, parentare, ferre solemnia*. Cícero, *De legibus*, II, 21; *majores nostri mortuis parentare voluerunt*. Lucrécio, III, 52. *Parentant et nigras mactant pecudes et Manibres divis Inferias mittunt*. Virgílio, *Êncida*, capítulo VI, 380. *Tumulo solemnia mittunt*, IX, 214. *Absenti ferat inferias decoretque sepulcro*, Ovídio, *Amor.*, I, 13, 3, etc.

Baruc 6, 42-46

42 Também se vêem umas mulheres cingidas de cordas, que estão assentadas nos caminhos, queimando caroços de azeitona. (5)

43 E quando alguma delas, atraída por algum passageiro, dormir com êle, lança em rosto à sua vizinha que ela não fôra julgada digna de honra como ela, nem a sua corda se quebrara. (6)

44 E tôdas as coisas que se fazem para êles, são falsas. Como se pode logo ajuizar, ou dizer que êles são deuses?

45 Por estatuários pois, e ourives do ouro foram êles feitos. Nenhuma outra coisa serão, senão aquilo que querem que sejam os sacerdotes. (7)

46 Também os mesmos artífices que as fazem, não

(5) **TAMBÉM SE VÊEM UMAS MULHERES CINGIDAS DE CORDAS** — De um lugar de Heródoto, que alega Calmet, se pode colhêr que as que o autor da Vulgata chama aqui cordas, eram na realidade umas fitas enlaçadas à roda da cabeça, como grinalda ou capela com que estas mulheres se mostravam enfeitadas para mais agradarem aos passageiros, e melhor, os atraírem. O lugar é no livro I, cap. CXCIX, onde aquêlê historiadqr trata das mulheres babilônicas, que uma vez na vida se prostituíam aos forasteiros em honra da deusa Milíta.

QUEIMANDO CAROÇOS DE AZEITONA — Ou para com esta espécie de incenso conseguirem dos seus falsos deuses que os homens lhes cobrassem afeição, ou para elas mesmas e os seus amantes se defumarem. O primeiro mister prova-se de Teócrito, o segundo de Heródoto, ambos alegados por Calmet. — Pereira.

(6) **NEM A SUA CORDA SE QUEBRARA** — Porque assim que alguma destas mulheres agradava a qualquer estrangeiro, êste, depois dela quebrar a fita que levava em forma de grinalda para sinal da sua prostituição, a tirava à parte para fora do templo. Veja-se o mesmo Calmet.

(7) **AQUILO QUE QUEREM** — O grego diz: "São o que os artífices querem que sejam." O que parece mais natural.

são de muita duração. Pois como podem ser deuses aquelas coisas, que por êles mesmos foram fabricadas?

47 E não deixaram outra coisa que engano, e opróbrio aos que hão de vir depois.

48 Porque depois de lhes sobrevir alguma guerra, e quaisquer males: Consultam os sacerdotes entre si, onde se hão de esconder com êles.

49 Como deve logo crer-se que são deuses os que nem se podem livrar da guerra, nem defender-se das calamidades?

50 Porque como êles sejam de madeiros dourados, e prateados, vir-se-á a saber algum dia por tôdas as nações e reis, que são falsos: O que faz ver claramente que não são deuses, senão obras de mãos de homens, e não há nêles operação alguma de Deus.

51 De onde se pode saber logo que não são deuses, senão obras de mãos de homens, e que não há virtude alguma de Deus nêles? (8)

52 Não põem rei a província alguma, nem darão chuva aos homens.

53 Assim mesmo não decidirão pleito, nem livrarão as províncias da injúria: Porque nada podem, como as gralhas que voam entre o céu e a terra.

54 Pois se se atear fogo na casa dos deuses de madeira, de prata, e de ouro, os seus sacerdotes por certo fugirão, e se livrarão: Mas êles, como as vigas no meio das chamas, se queimarão.

55 Mas nem a um rei, nem numa guerra farão resistência. Como se pode logo ajuizar, ou admitir que são deuses?

56 Não se poderão defender dos ladrões, nem dos

(8) SENÃO OBRAS DE MÃOS DE HOMENS, E QUE NÃO HA VIRTUDE ALGUMA — O grego não traz êste segundo período.

Baruc 6, 57-66

salteadores uns deuses de madeira, e de pedra, e dourados, e prateados, quando os tais que podem mais do que êles,

57 os despojarão do ouro, e da prata, e dos vestidos de que estão cobertos, e se irão com êle, e não se poderão valer a si mesmos.

58 De tal sorte que melhor é ser um rei, que ostenta as suas fôrças: Ou uma vasilha útil em uma casa, com a qual se contente o que a possui: Ou uma porta em qualquer casa, que guarda o que há dentro dela, que ser um dêstes falsos deuses.

59 O sol por certo, e a lua, e as estrêlas, sendo resplandecentes, e destinadas para vários usos, obedecem.

60 Da mesma sorte o relâmpago também quando fuzilar, se deixa ver: E da mesma maneira até o vento que assopra por tôda a região.

61 E as nuvens, quando por Deus lhes fôr mandado que corram todo o mundo, cumprem o que lhes é mandado.

62 O fogo também que é enviado de cima, para que consuma os montes, e os bosques, faz o que se lhe tem ordenado. Mas êstes não se assemelham a nenhuma coisa daquelas, nem em parecer, nem em poder.

63 Por onde não se deve ajuizar, nem dizer, que êles são deuses, quando não podem nem fazer justiça, nem valer em coisa alguma aos homens.

64 Assim que sabendo vós que não são deuses, em consequência disto não os temais.

65 Porque êles não amaldiçoarão, nem abençoarão os reis.

66 Nem tão pouco mostram no céu às gentes os sinais dos tempos, nem luzirão como o sol, nem alumiarão como a lua.

67 Melhores do que êles são os animais, que podem refugiar-se debaixo de coberta, e servir a si de proveito.

68 Assim que é para nós manifesto, que de nenhuma maneira são deuses: Por cujo motivo não os temais.

69 Porque assim como o espantalho em um meloal o não guarda: Por êste modo são os deuses dêles de madeira, e de prata, e dourados. (9)

70 Do mesmo modo são também como o espinheiro branco em um jardim, sôbre o qual vêm pousar tôdas as aves. Da mesma sorte se assemelham até a um morto lançado em trevas os deuses dêles de madeira, e dourados, e prateados:

71 Também pela púrpura e escarlata, que a traça rói em cima dêles, sabereis finalmente que não são deuses. Êles mesmos nesta conformidade vêm por último a ser comidos, e serão o opróbrio em tôda uma região.

72 Melhor é o homem justo, que não tem ídolos: Porque estará longe de opróbrios.

(9) O ESPANTALHO — E' o que em bom latim significa o nome Formido, de que se valeu o nosso intérprete: uma corda ou rêde malhada de penas de diversas côres, posta para afugentar os animais e pássaros, que a principio inspira terror, mas depois provoca o riso.

